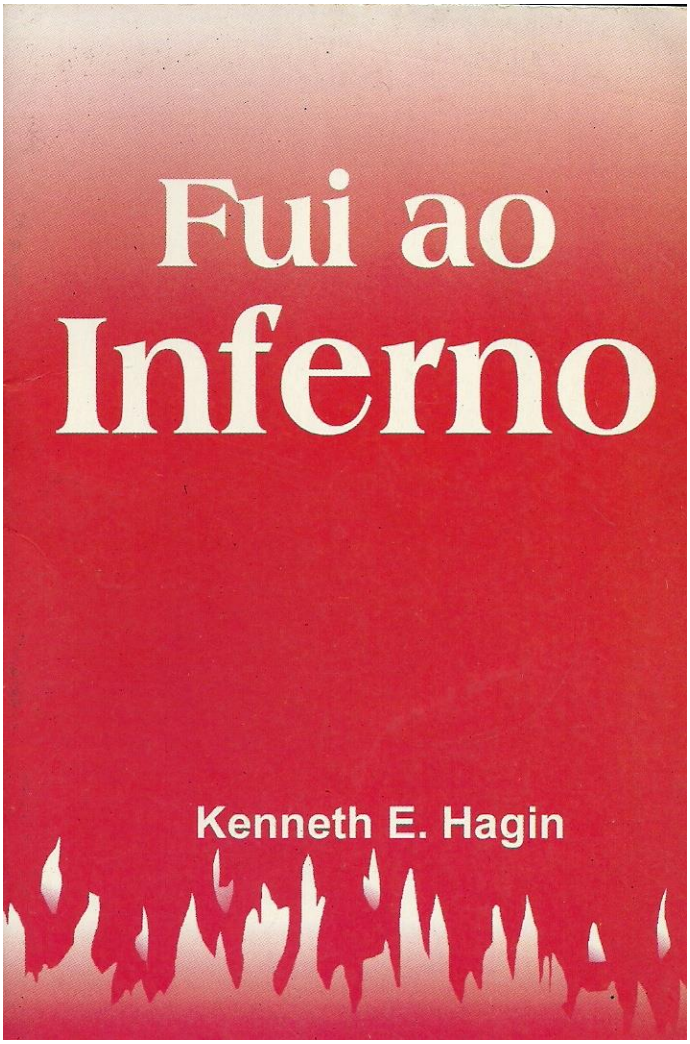
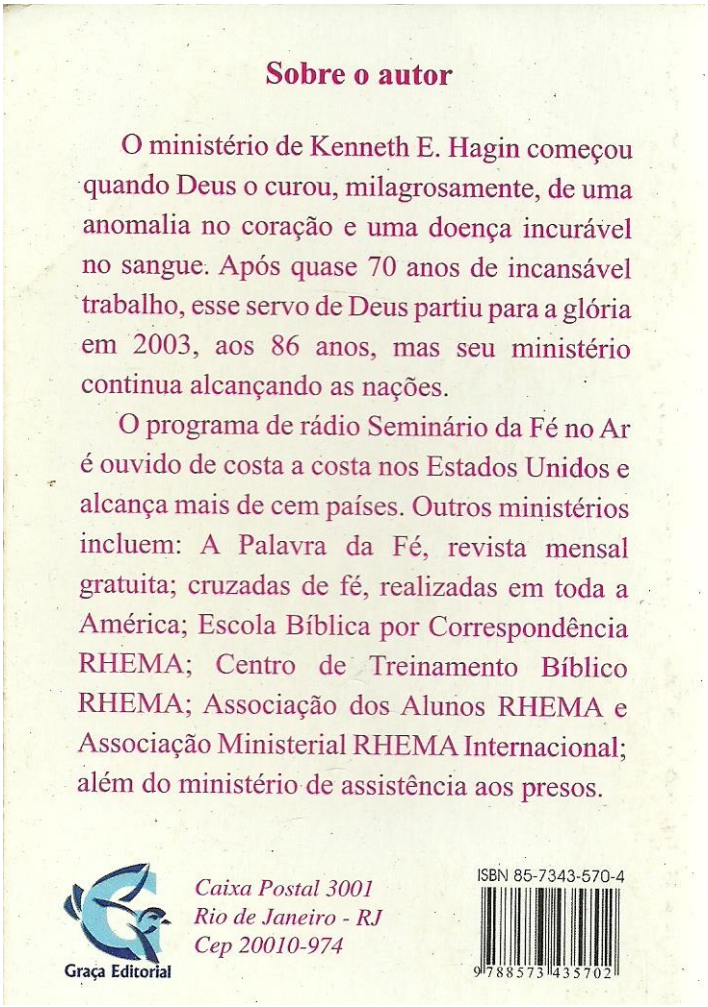

Fui ao
Inferno
Kenneth E. Hagin

Contracapa



Sobre o autor

O ministério de Kenneth E. Hagin começou quando Deus o curou, milagrosamente, de uma anomalia no coração e uma doença incurável no sangue. Após quase 70 anos de incansável trabalho, esse servo de Deus partiu para a glória em 2003, aos 86 anos, mas seu ministério continua alcançando as nações.

O programa de rádio Seminário da Fé no Ar é ouvido de costa a costa nos Estados Unidos e alcança mais de cem países. Outros ministérios incluem: A Palavra da Fé, revista mensal gratuita; cruzadas de fé, realizadas em toda a América; Escola Bíblica por Correspondência RHEMA; Centro de Treinamento Bíblico RHEMA; Associação dos Alunos RHEMA e Associação Ministerial RHEMA Internacional; além do ministério de assistência aos presos.

Graça Editorial

Caixa Postal 3001
Rio de Janeiro - RJ
Cep 20010-974

ISBN 85-7343-570-4

Fui ao Inferno

Kenneth E. Hagin

H145f

Hagin, Kenneth E., 1917
Fui ao inferno Kenneth E. Hagin; traduzido por Renata B.Coelho -Rio de Janeiro: Graça, 2007.
52pp.; 9,5xl4cm.

ISBN 85-7343-570-4 Tradução de: I went to hell

1. Vida cristã. I. Título.

CDD-248.4

Fui ao Inferno

Kenneth E. Hagin

Tradução de Renata B. Coelho

Editado pela Graça Artes Gráficas e Editora Ltda.

Rio de Janeiro, 2007

Fui ao inferno

© RHEMA Bible Church, 1996

ORIGINAL: "I went to hell"
Kenneth Hagin Ministries
P.O.Box50126
Tulsa, **OK** 74150-0126, USA.

Revisão, impressão e fotolito: *Graça Editorial*Reservados todos os direitos de publicação à **GRAÇA ARTES GRÁFICAS E EDITORA LTDA.**
Rua Torres de Oliveira, 271 - Piedade
Rio de Janeiro - RJ - CEP: 20740-380
Caixa Postal 3001 - Rio de Janeiro - RJ - 20010-974
TeL- (Oxx21)3899-53752594-1303-Fax: (Oxx21)2591-2344

Sumário

CAPÍTULO 1 O MEMBRO DA IGREJA QUE FOI AO INFERNO 5
CAPÍTULO 2 A MORTE E A NUVEM DE GLÓRIA 12
CAPÍTULO 3 MORRENDO SEM DEUS 14

CAPÍTULO 1 O MEMBRO DA IGREJA QUE FOI AO INFERNO

Nasci e fui criado como um batista do sul. Pensei que o Senhor Jesus Cristo e todos Seus discípulos fossem batistas. Foi um choque para mim descobrir que eles não o eram.

Comecei a ler a Bíblia um dia e cheguei à conclusão de que Paulo não poderia ter sido batista, porque ele disse: *Dou graças ao meu Deus, porque falo mais línguas do que vós todos* (l Co 14.18). Eu nunca tinha ouvido um batista dizer algo assim!

Ter nascido e sido criado como um batista do sul fazia com que eu sentisse pena de toda pessoa que não era batista. Porém, você sabe, amigo, que é possível alguém ser membro de uma igreja e não ser um cristão.

Ainda que você pertença a uma igreja e a freqüente, o simples fato de ir ao templo não irá salvá-lo ou fazer de você um cristão (da mesma forma que ir a um estábulo não fará de você uma vaca!). Ser membro de uma igreja não irá transformá-lo em um cristão da mesma forma que ser membro de um clube não irá fazê-lo um cristão. É preciso que você nasça de novo.

Existem muitas pessoas que pensam ser cristãs apenas pelo fato de serem membros de uma congregação.

Ingressei na igreja quando tinha nove anos de idade. O motivo que me levou a tomar essa decisão foi minha professora da escola dominical ter dito a todos nós, garotos, em uma manhã de domingo: "Quantos de vocês querem ir para o Céu?". Todos nós queríamos ir para o Céu. Então, ela disse: "Quando o pastor, Dr. Fulano, fizer o apelo, hoje de manhã, corram para a frente".

Uma vez que todos nós queríamos ir para o céu, quando o apelo foi feito, vários de nós marcharam diretamente para a frente e apertaram as mãos do pastor. Ingressamos na igreja e fomos batizados nas águas. De fato, pensei que fosse um cristão.

Mais tarde, quando me envolvi com um tipo de trabalho evangelístico - patrocinado pela minha própria igreja -, e o Espírito de Deus começou a tratar comigo a respeito da salvação, eu disse para mim mesmo: "Já estou salvo. Pertenço à igreja, fui batizado nas águas e já sou um crente".

Nasci prematuramente com um coração deformado. Pesei menos de um quilo ao nascer. Na época, há mais de 75 anos, não havia incubadora para que se colocar os bebês. Sendo assim, a possibilidade de sobrevivência era praticamente nula. Apesar disso, sobrevivi, mas nunca corri ou brinquei como qualquer outra criança. Nunca tive uma infância normal.

Quando eu estava com 15 anos, fiquei completamente acamado.

Cinco médicos disseram que eu morreria. No entanto, foi lá, em meu leito de morte, que nasci de novo no dia 22 de abril de 1933, no quarto localizado na Rua N. College, número 405, em McKinney, no Texas. Faltavam 20 minutos para às oito horas da noite de sábado.

No quarto, havia uma lareira. Vovô tinha um relógio no consolo de lareira. Minha mãe, minha avó e meu irmão caçula, Pat, estavam sentados no cômodo comigo, pois eu havia piorado. O médico havia sido chamado (lembre-se de que, em 1933, os médicos faziam consultas a domicilio).

Assim que o relógio do vovô deu 7h30, meu coração parou de bater dentro do meu peito. Pude sentir, mais rápido do que um estalar de dedos, o sangue parar de circular nas pontas do meus dedos dos pés. Eles pareciam entorpecidos. Este torpor se espalhou para os pés, tornozelos, joelhos, quadris, estômago, coração; e eu "pulei" para fora do meu corpo.

Não perdi a consciência; saí do meu corpo como um mergulhador pula do trampolim de mergulho para a piscina. Eu sabia que estava fora do meu corpo, pois conseguia ver minha família no quarto, mas não podia estabelecer contato com eles.

Eu pretendia dizer oi para mamãe e vovó e meu irmãozinho, mas "pulei" para fora do meu corpo antes de pronunciar completamente as palavras.

Comecei a descer para baixo em direção a um abismo, como se baixasse a um poço, caverna ou gruta. Eu não sabia que minha voz física acompanhava tudo isso. À medida que eu tentava despedir-me, percebi que descia em direção àquele lugar. Os três membros da minha família que estavam presentes testificaram mais tarde: "Quando você se despediu, sua voz soou como se estivesse descendo para uma gruta, caverna ou algo do gênero".

Continuei a descer. Primeiro, desci de pé - para baixo, para baixo, para baixo, para baixo. Eu conseguia olhar para cima e ver as luzes da terra. Finalmente, elas desapareceram.

A escuridão, mais negra do que qualquer boêmio possa ter visto, envolveu-me. Parecia que, se tivesse uma faca, seria capaz de cortar um grosso pedaço dela. Não era possível ver a própria mão ainda que ela estivesse a uma polegada diante do nariz.

Quanto mais eu descia, mais escuro ficava e mais quente também, Até que, finalmente, logo abaixo de mim, pude ver dedos de luz brincando no muro de escuridão, e cheguei ao fundo do abismo.

Isso aconteceu comigo há mais de 60 anos, mas parece tão real como se tivesse acontecido na semana retrasada. Os assuntos espirituais nunca envelhecem.

Quando cheguei ao fundo do abismo, vi o que tinha feito com que os dedos de luz brincassem no muro da escuridão. À minha frente, além dos portões ou da entrada do inferno, vi enormes chamas cor de laranja com um penacho branco.

Fui atraído para o inferno da mesma forma que um ímã atrai o metal. Eu sabia que, uma vez que entrasse por aqueles portões, nunca conseguiria voltar. Eu me esforcei para desacelerar minha descida, pois, quando cheguei ao fundo do abismo, ainda havia uma inclinação para baixo.

Eu tinha consciência de que algum tipo de criatura havia-me encontrado no fundo daquele poço. Não olhei para ela. Meu olhar estava fixo nos portões, ainda que eu soubesse que aquela criatura estava bem do meu lado direito.

Eu não sabia até descobrir, muitos anos mais tarde, no livro de Isaías, que a Bíblia diz: O *inferno, desde o profundo, se turbou por ti, para te sair ao encontro na tua vinda; despertou por ti os mortos (Is* 14.9a).

Quando me esforcei para desacelerar minha descida, aquela criatura segurou meu braço a fim de escoltar-me para dentro. Quando ela o fez, no alto do negrume e da escuridão, uma voz foi pronunciada. Parecia ser uma voz masculina, mas não sei o que ela dizia. Não sei se foi Deus, Jesus, um anjo ou quem quer que seja. Ela não falou em inglês; tratava-se de uma língua estrangeira.

Aquele lugar simplesmente tremeu com as poucas palavras pronunciadas, e a criatura que havia tomado meu braço o soltou. Havia um poder, como uma sucção nas partes de trás do meu corpo, que me puxava de volta. Flutuei para longe da entrada do inferno até ficar parado de pé nas sombras. Então, como se algo me puxasse do alto, flutuei para cima, de ponta-cabeça, através da escuridão.

Antes de chegar ao topo, pude ver a luz. Eu havia estado em um poço; foi como se, lá do fundo, fosse possível vislumbrar uma luz acima.

Subi para a varanda da casa de meu avô. Nós morávamos em uma dessas casas obsoletas que eles costumavam construir no Texas, com uma varanda ao redor de quase toda a casa. Subi do lado sul da casa. Pude ver o balanço de varanda do vovô e os cedros gigantes no jardim. Fiquei de pé parado, na varanda, por apenas um segundo.

Então, passei pelo muro - não pela porta ou pela janela - e pareci pular para dentro do meu corpo como um homem enfia seu pé em sua bota pela manhã.

Antes de voltar para meu corpo, pude ver minha avó sentada na beirada da cama, segurando-me em seus braços. Quando entrei em meu corpo, consegui comunicar-me com ela.

Disse-lhe (e não sei como eu sabia disto): "Vovó, estou partindo novamente e não voltarei".

Ela falou: "Filho, pensei que você não fosse voltar dessa vez!".

Perguntei: "Vovó, onde está a mamãe? Quero despedir-me dela".

Olhei em torno do quarto; ela não estava lá.

Ela respondeu: "Filho, falei para a sua mãe que você havia partido, e ela saiu apressadamente, orando".

E, então, eu a ouvi. Ela estava no lado norte da casa. Ela voltou da varanda, orando com o máximo de sua voz.

As pessoas me disseram, mais tarde, que conseguiam ouvi-la chorar e orar a quarteirões de distância.

Quando falei: "Quero despedir-me da mamãe", minha avó a chamou: "Lillie!", mas ela não pôde ouvir, pois estava orando em voz alta.

Quando não se está preparado para partir, você quer alguém bem perto, pois sente medo! Falei: "Vovó, não me deixe! Não me deixe! Estou com medo de partir no momento em que você estiver saído! Quero alguém ao meu lado! Não me deixe!". E, então, ela me segurou em seus braços novamente.

Falei: "Diga à mamãe que eu me despedi dela. Diga-lhe que eu a amo e fiquei feliz por ela ter estado conosco". Meu pai nos abandonou quando eu tinha seis anos de idade, e mamãe foi deixada com quatro crianças para sustentar. Com todos os problemas que ela havia tido, sendo apenas um "bebê" em Cristo e não sabendo como lançar seu fardo sobre o Senhor, ela havia tido um colapso físico, mental e nervoso.

Continuei: "Diga à mamãe que fiquei feliz por tudo o que ela fez por mim e por todos nós e mandei dizer que, se cheguei a colocar uma ruga em seu rosto ou um grisalho em seu cabelo, sinto muito e peço-lhe que me desculpe".

Senti que eu deslizava e falei: "Vovó, estou partindo novamente. Você foi uma segunda mãe para mim quando a saúde da mamãe esteve abalada".

Nós, os quatro filhos, fomos morar com familiares diferentes quando nossa mãe adoeceu. Fui morar com minha avó materna, a qual costumava chamar-me de "meu garoto" e dizer: "Beije-me bem aqui; beije-me bem aqui".

Então, eu beijava sua bochecha e me despedia.

Meu coração parou por uma segunda vez. E quase tão real para mim hoje, após meio século, como foi naquele dia.

Pude sentir o sangue parar de circular. As pontas dos meus dedos dos pés adormeceram - depois, foram os pés, tornozelos, joelhos, quadris, estômago e coração. Saí do meu corpo e comecei a descer para baixo, para baixo, para baixo, para baixo. Sei que isso durou apenas alguns segundos, mas parecia uma eternidade.

Desci até a escuridão envolver-me, e as luzes se extinguirem. Quanto mais eu descia, mais quente e escuro ficava. Até que cheguei ao fundo do abismo e vi a entrada para o inferno, ou os portões, como chamo. Tive consciência de que aquela criatura havia-me encontrado.

Esforcei-me para desacelerar minha descida - eu tinha a impressão de que flutuava para baixo -, ainda que fosse como se houvesse uma tração que me puxava para baixo. Aquela criatura segurou meu braço. Quando isso aconteceu, aquela voz foi pronunciada novamente - uma voz masculina em língua estrangeira. Não sei o que ela dizia, mas, quando foi pronunciada, aquele lugar inteiro tremeu, e a criatura tirou sua mão do meu braço.

Foi como uma sucção em minhas costas. Não me virei para trás em momento algum; apenas, voltei flutuando em direção às sombras de escuridão. Foi então que parei de cabeça para baixo. Pude ver as luzes da terra acima de mim e saí do abismo. A única diferença, desta vez, foi que eu cheguei aos pés da cama (não na varanda).

Na primeira vez, eu havia retornado para a varanda; dessa vez, voltei aos pés da cama. Fiquei lá parado por apenas um segundo. Pude ver meu corpo estendido na cama e vovó lá, sentada, segurando-me em seus braços. Foi como se eu pulasse dos pés da cama para meu corpo através da minha boca. Quando voltei, consegui comunicar-me com vovó: "Estou partindo novamente e não voltarei dessa vez".

Ela disse: "Filho, pensei que você não retornaria dessa vez".

Perguntei: "Vovó, onde está o vovô? Quero despedir-me dele".

Ela respondeu: "Filho, você sabe que seu avô foi à cidade cobrar os aluguéis de algumas casas".

"Ah, lembro-me disso agora. Eu havia-me esquecido por um instante. Vovó, despeça-se dele por mim.

Nunca soube o significado de ter um pai, mas ele foi o que chegou mais perto de ser um para mim. Ele me deu um lar quando eu não tinha nenhum. Diga-lhe que gosto dele, amo-o demais".

Então, deixei algumas palavras para a minha única irmã, a primogênita, e meu irmão mais velho. Perguntei: "Onde está Pat?". Pat era meu irmãozinho caçula de nove anos.

Vovó respondeu: "Ele saiu correndo para chamar o médico novamente".

Deixei uma mensagem para cada um deles, e meu coração parou pela terceira vez.

Pude sentir a circulação ser cortada. De repente, meus dedos dos pés adormeceram. Mais rápido do que um piscar de olhos, meus dedos dos pés, pés, tornozelos, joelhos, quadris, estômago e coração morreram. Então, pulei do meu corpo e comecei a descer.

Mesmo desta vez, pensei: "Isso não está acontecendo comigo. Trata-se apenas de uma alucinação. Não pode ser real!".

Porém, pensei depois: "E a terceira vez. Não voltarei agora!".

A escuridão me envolveu, mais escura do que qualquer boêmio já havia visto. A Bíblia fala sobre homens e mulheres sendo lançados nas *trevas exteriores,* onde há *pranto e ranger de dentes* (Mt 8.12).

Nas trevas, gritei: "Deus! Eu pertenço à igreja! Fui batizado nas águas!". Veja que eu estava dizendo a Ele: "Eu não deveria estar vindo para cá; esse é o lugar errado!".

Esperei por uma resposta, mas não a obtive; apenas o eco da minha voz na escuridão. Gritei um pouco mais alto pela segunda vez: "Deus! Eu pertenço à igreja! Fui batizado nas águas!".

Mais uma vez, esperei pela resposta, mas não a ouvi; apenas escutei o eco da minha voz na escuridão.

Eu deixaria uma congregação assustada e fora de si se imitasse a maneira como gritei pela terceira vez. No entanto, se eu pudesse fazer com que, devido ao susto, eles fossem do inferno ao Céu, eu iria fazê-lo! Francamente, eu iria fazê-lo!

Gritei: "DEUS! DEUS! PERTENÇO À IGREJA! FUI BATIZADO NAS ÁGUAS!". Mas veja que, embora ser batizado nas águas e pertencer à igreja sejam procedimentos corretos, é necessário mais do que isso para conseguir escapar do inferno e ir para o Céu!

Tudo o que ouvi foi o eco da minha própria voz transpassando a escuridão.

Cheguei, novamente, ao fundo daquele abismo e pude sentir o calor bater em meu rosto. Mais uma vez, aproximei-me da entrada, dos portões do próprio inferno. Aquela criatura segurou meu braço. Tive a intenção de armar uma briga, se pudesse, para impedir que eu entrasse. Apenas manobrei para desacelerar um pouquinho minha descida, e ela segurou meu braço.

Graças a Deus, aquela voz foi pronunciada. Não sei de quem era, não vi uma pessoa; tão-somente ouvi a voz. Não sei o que ela dizia, mas, seja o que for, aquele lugar foi sacudido. Ele simplesmente tremeu, e aquela criatura soltou-me.

Parecia haver uma sucção nas partes de trás do meu corpo. Ela me puxou de volta, para longe da entrada do inferno, até eu ficar parado nas sombras. Então, puxou-me para cima de ponta-cabeça.

À medida que eu subia através da escuridão, comecei a orar. Meu espírito, o homem que vive dentro desse corpo físico, é um ser eterno; um espírito humano. Comecei a clamar: "Ah, Deus! Irei a Ti, em Nome do Senhor Jesus Cristo, e peco-Te que perdoes meus pecados e me limpes de toda transgressão".

Voltei ao lado da cama. A diferença entre as três experiências foi que, na primeira, retornei para a varanda; na segunda, aos pés da cama, e, na terceira, bem ao lado da cama, pulando diretamente para meu corpo.

Quando entrei em meu corpo, minha voz física acompanhou minha oração bem no meio dela. Eu já estava orando fora do meu espírito; minha voz transmitiu minha oração e continuou a clamar.

Isso aconteceu em 1933. Não existia a quantidade de automóveis que há hoje em *dia,* pois era a recessão dos anos 1930! Porém, disseram-me *que,* no intervalo em que eu e mamãe orávamos em voz alta, o trânsito foi obstruído por dois quarteirões, de cada um dos lados da nossa casa.

Quero que você saiba que foi como se duas toneladas fossem retiradas de cima do meu peito. A paz surgiu em meu interior. Olhei para o velho relógio do vovô, no consolo de lareira, e ele dizia que faltavam 20 minutos para as oito horas. Tudo aconteceu em dez minutos!

Então, nasci de novo as vinte para as oito, no dia 22 de abril de 1933, no quarto localizado ao lado sul da casa, e sou salvo desde então.

Eu ainda continuava acamado, e o médico dizia que eu iria morrer. De fato, cinco médicos afirmaram que eu não resistiria. Um deles havia trabalhado na grande Clínica Mayo. Ele falou: "Você não tem sequer uma chance em um milhão". Então, pensei que, realmente, morreria.

Mas digo-lhe o que fiz: privei-me de dormir toda a noite. Enquanto todas as luzes estavam apagadas na casa, e todos se encontravam dormindo, eu ficava sozinho, um garoto de 15 anos com os próprios pensamentos.

O médico havia combinado comigo: "Você sabe em que condição seu coração se encontra; você pode morrer a qualquer momento. Alguém poderia estar no quarto com você. Olhe pela janela por um momento e volte a se ver; durante esse intervalo, você poderia ter partido sem fazer barulho.

Ou eles podem encontrá-lo morto na cama uma manhã".

Falei: "Eles podem encontrar-me morto na cama uma manhã, mas estou tão feliz, porque eu não iria para o inferno!". v

A noite, eu começava a conversar silenciosamente: "Obrigado, Jesus. Glória a Deus. Louvado seja Deus. Vou colocar um sorriso em meu rosto. Se me encontrarem morto assim, saberão que morri feliz!".

CAPÍTULO 2 A MORTE E A NUVEM DE GLÓRIA

Estive preso a um leito de enfermidade por 16 meses antes de ser curado. Quatro meses depois de ter nascido de novo, no dia 16 de agosto de 1933, apenas quatro dias antes do meu 16° aniversário - foi em uma quarta-feira -, eu estava morrendo. Eu soube, durante o dia todo, que estava morrendo. Eu já havia tido muita experiência com morte para saber.

Eles tiveram de me transferir para o quarto norte. Meu irmãozinho de nove anos de idade estava ao meu lado, porque alguém tinha de estar comigo o tempo todo. Eu estava muito fraco,

A temperatura deveria estar por volta de 41°C naquele dia. Não tínhamos ar-condicionado em 1933, Na época, algumas pessoas possuíam simplesmente, um ventilador; porém, não tínhamos sequer um circulador de ar.

As portas e as janelas estavam todas abertas, e meu corpo permanecia gelado. Depois de uma hora, a temperatura ainda estava acima dos 37,7°C - ela alcançou seu topo com 41°C às três horas aproximadamente; contudo, meu corpo permanecia gelado, e eles me enrolaram nos cobertores. Eles retiraram todas as garrafas de água quente e tijolos quentes, enrolaram-nos e colocaram-nos ao redor do meu corpo, tentando aquecer-me.

A urna e meia da tarde do dia 16 de agosto de 1933, a morte veio até mim e me agarrou. Eu disse ao meu irmãozinho: "Corra e chame a mamãe, rápido! Quero despedir-me dela".

Ele correu. Assim que saiu do quarto, o cômodo inteiro se iluminou com a glória de Deus (a Bíblia diz, no sétimo capítulo de Atos, que, quando Estêvão foi apedrejado até a morte, ele viu a glória de Deus e Jesus, que estava à direita do Pai. Se você verificar o Antigo Testamento e alguns estudos a respeito da glória de Deus, descobrirá que ela apareceu, muitas vezes, como uma nuvem branca, brilhante e cintilante).

O cômodo inteiro foi tomado por aquela luz mais brilhante do que o sol refletido na neve, e você sabe como isso é deslumbrante. Subi em direção àquela glória. Deixei meu corpo e comecei a subir. Subi uma distância equivalente ao teto da casa e vi meu corpo estendido na cama,

meus olhos fixos, minha boca aberta e eu morto.

Percebi que minha mãe se curvava e segurava minha mão e ouvi sua voz pronunciada em inglês - não vi coisa alguma. Sempre pensei que fosse Jesus porque se tratava de uma voz masculina falando: "Volte! Volte! Volte para a terra! Seu trabalho não foi feito!".

Desci e voltei para o quarto. À medida que eu deslizava para dentro do meu corpo dizia à mamãe que segurava minha mão: "Mamãe! Eu não vou morrer agora!".

Ela pensou que eu queria dizer que não fosse morrer naquele momento. Eu quis dizer que não morreria tão depressa mas desfrutaria minha vida e faria a obra de Deus (um ano após ter sido curado eu agia na Palavra de Deus com fé).

Quando se chega à eternidade não há algo como o tempo. Durante muitos anos, nunca falei acerca dessas experiências. Para mim eram muito sagradas para serem contadas. Porém após estar no ministério há 15 anos (comecei como um pregador batista) o Senhor começou a dizer-me; "Conte a eles!". Então comecei a fazer o que Ele me dizia.

Minha mãe tinha-me ouvido contar sobre o inferno, mas nunca havia-me ouvido descrever a experiência de subir para a Glória. Um pouco antes de estar com o Senhor, aos 80 anos de idade, ela estava escutando-me, um dia, ministrar alguns ensinamentos no rádio. Eu ensinava o que significa crer com o coração, falava sobre o homem interior e o homem exterior e dizia que crer com o coração significava crer com seu espírito - aquele homem interior. Para ilustrar esse ensinamento relatei a experiência da glória.

Após esse acontecimento quando fui visitar minha mãe ela falou: "Filho eu nunca havia ouvido isso até que você desse aquele ensinamento no rádio. Mas há mais coisas que você não sabe. Deixe-me contar meu lado e o lado da vovó".

Ela continuou: "Pela maneira como contou você esteve na Glória talvez por poucos segundos. Porém há mais de dez minutos, você havia partido.

Pat voltou correndo para a cozinha e falou: 'Mamãe! Mamãe! Vovó! Vovó! Ken está morrendo! Ken está morrendo!'. Eu estava mais perto do seu quarto e saí correndo da cozinha passei pelo corredor em direção à sala de jantar e fui entrar no quarto mas não consegui!

A porta estava aberta, mas eu não conseguia entrar. O quarto parecia cheio de alguma coisa. Eu sentia a presença de Deus - Sua glória. Por isso voltei para a sala de jantar sentei-me à mesa e curvei minha cabeça para orar".

Mamãe não conseguia ver coisa alguma dentro do quarto, pois tinha ficado cega desde que eu era um garotinho.

O relato da vovó Drake (ela estava com 70 anos na época) foi que ela havia vindo logo atrás da mamãe. Ela tentou atravessar aquela glória correndo e bateu com força contra ela como você bateria com a força de uma bola de borracha. Então ela voltou deu distância e correu para tentar atravessá-la e bateu nela novamente. Ela voltou por todo o caminho até a sala de jantar, correu contra a parede para atravessar o quarto, mas não conseguiu passar pela porta aberta. "Então, estando quase vencida, ela se apoiou no marco da porta e disse: 'Por que não consigo ver, Lillie? O quarto está cheio de alguma coisa como uma névoa ou uma nuvem branca! Não consigo ver a cama nem Kenneth. Não consigo ver coisa alguma dentro do quarto ou entrar lá!'. Mamãe continuou: "Eu disse a ela: 'E melhor esperarmos'. Fiquei lá com minha cabeça curvada, orando por dez minutos até a porta se abrir, ainda que sua avó não conseguisse ver coisa alguma dentro do quarto. Finalmente, ela falou: 'Lillie, ela está se levantando; a nuvem está se levantando'.

Foi como se a névoa estivesse indo embora. Ela conseguiu ver um pouquinho do quarto e, depois, um pouco mais, mas não ousávamos entrar até que a última camada desaparecesse.

A vovó pôde ver com os próprios olhos. Ela estava parada na porta e, quando disse: "Tudo terminou", a mamãe correu para o quarto.

Ela falou: "Eu me abaixei até você, segurei sua mão, e você havia partido. Naquele momento, você disse: 'Mamãe! Não vou morrer agora!'".

Desde aquele dia, nunca mais senti pena dos cristãos que morrem, sendo eles jovens, de meia-idade ou velhos. Sim, sei que a cura nos pertence, mas todos partem algum dia. Nunca senti pena deles, porque sei para onde foram.

Mas é uma outra história para os que não conhecem o Senhor!

CAPÍTULO 3 MORRENDO SEM DEUS

Lembro-me de que, durante o tempo em que eu estava preso a um leito de morte, minha avó tinha uma prima distante que vinha visitá-la. Todos seus antepassados tinham vindo do Tennessee para se fixar no Texas anos antes. Após aproximadamente 40 anos, eles descobriram que, aqui, havia dois primos vivendo a 48 km um do outro. Essa prima vivia em Sherman, no Texas. Por isso, ela vinha visitar-nos, talvez, uma vez a cada três meses.

No entanto, você não ousaria falar com ela sobre Deus. Sua filha teve de tirá-la do meu quarto uma vez, pois ela se pôs a vociferar: "Que bobagem! Esses pregadores tentam assustar as pessoas, dizendo que o céu e

o inferno existem! Imagine! Quando uma pessoa morre, acontece com ela o mesmo que ocorre com um cachorro! Toda igreja deveria ser fechada e bombardeada! Todo pregador deveria ser morto! Eles se importam simplesmente com o dinheiro".

Depois de eu estar pregando por muitos anos, minha esposa e eu estivemos em Sherman visitando os pais dela. O Sr. Hooker perguntou: "Kenneth, você se lembra da L?",

"Sim", respondi.

"O marido dela me viu e falou: 'Se Kenneth e Oretha vierem, queremos que eles nos façam uma visita. Os médicos disseram que a mãe dela está presa a um leito de morte'".

Foi aí que minha esposa e eu fomos visitá-los. Uma mulher apareceu na porta, e reconheci que se tratava da filha, embora eu não a visse há 12 anos aproximadamente.

Falei: "Sou Kenneth Hagin".

Ela disse: "Ah! Você é o menino de Lillie! E o único que se tornou pregador?".

"Sim", respondi. "É isso mesmo".

Ela apertou minha mão e começou a chorar: "Kenneth, você se lembra da mamãe e de como ela era. Você não conseguia conversar com ela sobre Deus".

"Eu me lembro".

"Conversaria com ela? Ela está no quarto, em uma cama hospitalar. O médico saiu de lá há poucos minutos. Ele disse que ela está morrendo. Você vai falar com ela?".

"Se você quiser, eu vou, L.", respondi.

Ela me segurou pela mão e me levou ao quarto dos fundos. Abriu a porta, e subimos até onde ficava a cama hospitalar. Lá estava uma mulher de 72 anos de idade, deitada em uma posição meio sentada. Sua boca e seus olhos estavam abertos; pareciam feitos de mármore. Havia um estertor em sua garganta.

L. segurou a mão de sua mãe e falou: "Mamãe!". Seus olhos não se moveram em momento algum; eles estavam parados e vidrados como mármore.

Sua boca também não se mexeu; ela permanecia aberta. Havia um estertor em sua garganta. Ela respirava uma vez de quando em quando.

"Mamãe!". Não houve resposta. "Mamãe!". Não se ouviu resposta.

A filha inclinou-se para seu ouvido e chamou um pouco mais alto:

"Mamãe!". Eu estava parado bem ao lado dela, curvado.

Aqueles lábios e olhos nunca se moviam ou se fechavam. Eles estavam bem abertos. Foi então que os lábios começaram a mover-se apenas um pouquinho, e, de algum lugar lá dentro, uma voz falou: "Sim? Sim?".

"Mamãe, você sabe quem é essa?". "Sim, é o meu bebê".

Era seu bebê, embora eu achasse que a filha dela tivesse uns 50 anos.

Ela falou: "Mamãe! Há uma pessoa aqui que veio para vê-la".

Houve um fraco balbucio como resposta.

Ela continuou: "Mamãe! Você se lembra da tia Sally, de McKinney?

Você se lembra da filha dela, Lillie? Você se lembra de filho dela, Kenneth, o qual estava acamado e foi o único que se tornou pregador?".

Quando ela pronunciou a palavra pregador, sua mãe pulou como se alguém lhe tivesse dado um tiro, ainda que seus olhos permanecessem imóveis. Ela se ergueu e falou: "Kenneth! Kenneth! Onde está você? Onde está você?".

Segurei a mão dela, e ela disse: "Ah, Kenneth! Kenneth! Você é um pregador. Diga-me que o inferno não existe! Diga! Falei que ele não existia e que todo pregador deveria ser morto. Estou com medo! Estou com medo! Ah, estou com medo!

Está tão escuro, tão escuro. Está tão escuro, tão escuro! Está...". E ela caiu sobre o travesseiro. Não conseguimos chegar até ela.

Ela morreu e foi para o inferno chorando: "Está tão escuro, tão escuro!".

Homens e mulheres, meninos e meninas, rapazes e moças: há um céu para ganharmos e um inferno do qual devemos afastar-nos. Isso pode parecer ultrapassado para alguns, mas o Evangelho, considerado ultrapassado por muitos, ainda é verdadeiro hoje em dia.

A ORAÇÃO DO PECADOR PARA RECEBER JESUS COMO SALVADOR

Querido Pai celestial, Venho a Ti, em Nome de Jesus.

Tua Palavra diz: O que vem a mim de maneira nenhuma o lançarei fora (Jo 6.37).

Então, sei que Tu não me lançarás fora, mas irás tomar-me nos braços, e eu Te agradeço por isso.

Tu disseste em Tua Palavra: A saber: Se, com a tua boca, confessares ao Senhor Jesus e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dos mortos, serás salvo. Porque todo aquele que invocar o nome do Senhor será

Creio em meu coração, que Jesus Cristo é o Filho de Deus e ressuscitou dos mortos para a minha justificação.

Invoco o Teu Nome - o Nome de Jesus. Por isso, sei, Pai, que Tu irás salvar-me agora.

A Tua Palavra diz: Visto que com o coração se crê para a justiça, e com a boca se faz confissão para a salvação (Rm 10.10).

Realmente, creio com meu coração e confesso Jesus, agora, como meu Senhor. Por isso, sou salvo!

Obrigado, Pai!

Assinatura:

Data: